

A constituição do herói de “Adeus às armas”, de Ernest Hemingway

The constitution of the hero of “A Farewell to Arms”, By Ernest Hemingway

Bernardo Antonio GASPAROTTO¹

Dalila Mayara BARBOSA²

Resumo

O presente trabalho tem como proposta refletir sobre a figura do “herói” na obra *Adeus às armas* (2002), de Ernest Hemingway. Busca-se prender atenção nos nuances da narração à frieza como ela se dá, bem como a utilização de uma linguagem direta e sem rodeios. A guerra ocorrida, as grandes cidades e os valores em ruínas foram muito bem retratados em *Adeus às armas*, ainda que não houvesse uma profundidade psicológica ou a presença de uma problemática angustiante em relação à protagonista da obra, nos detalhes é que se pode ver toda a profundidade da produção e a forma direta, mas subjetiva dos valores que permeavam a sociedade da época e que remetem às características intrínsecas à natureza humana. É no decorrer do enredo da obra que se atentará para os valores adotados por Henry e se buscará observar sua natureza como anti-herói, que se utiliza de todos os artifícios possíveis, inclusive da mentira, para alcançar seus objetivos, aumentando seu sentimento de prazer.

Palavras-chave: Personagem. Ernest Hemingway. Anti-herói. Herói.

Abstract

The present paper has as its proposal a reflection about the “hero” in the novel *A Farewell to Arms*, from Ernest Hemingway. Special attention will be given to the nuances of the narration, the coldness that can be found on it and the fact that there was used a direct and to the point language. The war, the great cities and the decaying values were very well shown in *A Farewell to Arms*, even if there was not a great psychological depth or the presence of a deep problematic regarding the main character, in the details it is possible to

¹ Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel. Integrante do Projeto de Extensão: Estudos das Teorias Contemporâneas de Análise Literária, vinculado ao Programa PELCA. Membro do Grupo de pesquisa: Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura. E-mail: odranreb66@yahoo.com.br

² Graduada em Letras habilitação português/Italiano da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel.

see all the depth of the production and its direct form, yet subjective in the values that still were recurring in the society of that time and the bring to the novel the intrinsic characteristics of the human nature. It is during the development of the novel that attention will be given to the values adopted by Henry and there will also be made an observation of his nature as an anti-hero, who uses all means possible, including lying, to reach his goals, thus increasing his pleasure.

Key words: Character. Ernest Hemingway. Anti-Hero. Hero.

Introdução

Uma visão cada vez mais complexa e dura recai sobre o herói que após o período literário chamado de Romantismo passa a ser visto como uma espécie de objeto a ser estudado, principalmente no período do realismo/naturalismo, as visões deterministas, positivistas e evolucionismo influenciaram na caracterização das personagens, que eram frutos da ascendência ou do meio em que cresciam, manifestando-se como uma espécie de espelho da sociedade problemática em que nascia e crescia. Havendo um momento de maior trauma ainda para a figura do herói, que se deu no início do século XX, quando a própria idéia de herói como detentor de valores nobres e de uma índole reta passa a ser questionada, este é o momento em que podemos enquadrar o protagonista (Frederick Henry) da obra “Adeus às armas” de Ernest Hemingway, e é sobre esta questão que procuraremos observar e caracterizar tal personagem. Mas antes disto importante que mencionemos a espécie de personagem que passa a ser comumente desenvolvida nas obras literárias a partir desta época, qual seja o “anti-herói”.

Quando estamos tratando do anti-herói duas concepções podem ser levantadas, a primeira diz respeito a uma visão oposta do que é entendido como virtuoso por uma axiologia posta em determinada sociedade, mas há que se observar que o posicionamento do leitor é subjetivo e mesmo que haja uma sociedade e valores postos sempre é possível que ocorram interpretações e entendimentos diversos acerca das ações praticadas pelo herói. Nesse sentido, a maioria das ações de cunho valorativo perpetuadas pelo herói pode ser objeto de discussão, pegando um exemplo temos a resolução do herói do conto *O prisioneiro do Cáucaso* de Leon Tolstoi, após conseguir fugir do cativeiro de seus

inimigos, de permanecer no forte onde se encontra o exército de sua pátria, não mais voltando para casa para se casar, por muitos isto poderia ser visto como uma espécie de covardia, para outros pode ser a coisa mais lógica a se fazer, uma vez que ele nem conhecia a noiva que havia sido arranjada por sua mãe (que possivelmente nem estava tão doente assim) e que em breve haveriam oportunidades de partir em segurança e com escolta. Esta espécie de leitura subjetiva é muito presente em relação às representações passadas, haja vista que as concepções axiológicas são constantemente mutáveis.

Uma das principais armas utilizadas para garantir a força do anti-herói são a paródia e a ironia, sendo usadas primeiramente e de modo mais marcante nas comédias gregas em que se ridicularizava a educação sofista (*As nuvens*), a paródia da *Odisseia* com *Satiricon* de Petrónio. A partir daí proliferou-se o uso de tais elementos na literatura, durante a Idade Média as cantigas de escárnio e mal-dizer são repletas de tais “ferramentas” utilizadas para atacar pessoas ou classes. No Renascimento surge a figura do anti-herói por excelência, Lázaro de Tormes, um pícaro (figura vista com maus olhos por, possivelmente, qualquer sociedade), desprovido de Nome, honra, um ladrão, morto de fome, que engana e trapaça “para sobreviver”, é o protagonista de *Lazarillo de Tormes* (de autoria desconhecida).

A segunda concepção de anti-herói relaciona-se diretamente com a figura do antagonista, que como já fora mencionado pode se materializar como uma pessoa (Creonte em *Antígona*), um conjunto de indivíduos (os pretendentes que desejam a esposa de Ulisses), uma instituição (como em *O Processo* de Franz Kafka), o espaço (em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos), ou mesmo não ser mencionado (como pode ser observado na obra *O Estrangeiro* de Albert Camus). Por entendermos que esta não seja a perspectiva mais acertada e já termos falado suficientemente sobre o antagonista demos prosseguimento ao estudo.

Ante o que se propõe realizar no presente trabalho tem-se clara noção de que não há como se furtar do estudo das perspectivas que se pode ter acerca das formas de vislumbrar os modos de ficção, de como a personagem “se apresenta” para o leitor. Para isto podemos observar alguns autores que trabalham com tais “modos de ficção”, Aristóteles já trabalhava com as formas de representação, da *mimesis*, em sua obra a *Arte Poética*, como já mencionamos anteriormente, mas buscaremos em um autor mais recente maior

fundamentação, Northrop Frye em sua obra *Anatomia da Crítica* aborda cinco modos distintos perspectivas acerca da personagem, assim ele se posiciona:

As ficções [...] podem ser classificadas, não moralmente, mas pela força de ação do herói, que pode ser maior do que a nossa, menor ou mais ou menos a mesma. Assim:

1. Se superior em condição tanto aos outros homens como ao meio desses outros homens, o herói é um ser divino, e a estória sobre ele será um mito, no sentido comum de uma estória sobre um deus. [...]
2. Se superior em grau aos outros homens e seu meio, o herói é o típico herói da estória romanesca, cujas ações são maravilhosas, mas que em si mesmo é identificado como um ser humano. O herói da estória romanesca move-se num mundo em que as leis comuns da natureza se suspendem ligeiramente: prodígios de coragem e persistência, inaturais para nós, são naturais para ele [...]
3. Se superior em grau aos outros homens, mas não a seu meio natural, o herói é um líder. Tem autoridade, paixões e poderes de expressão muito maiores do que os nossos, mas o que ele faz sujeita-se tanto à crítica social como à ordem da natureza. [...]
4. Não sendo superior aos outros homens e seu meio, o herói é um de nós: reagimos a um senso de sua humanidade comum, e pedimos ao poeta os mesmos cânones de probabilidade que notamos em nossa experiência comum. Isso nos dá o herói do modo imitativo baixo, da maior parte da comédia e da ficção realística. [...]
5. Se inferior em poder ou inteligência a nós mesmos, de modo que temos a sensação de olhar de cima uma cena de escravidão, malogro ou absurdez, o herói pertence ao modo irônico. (FRYE, 1980, p.39/40).

A princípio nos sentimos tentados em classificar a personagem Frederick Henry de “Adeus às armas” no quarto tópico trazido acima, mas deixemos isso para ser melhor estudado e verificado em capítulo posterior.

Visando possibilitar uma classificação adequada é importante que tenhamos em mente a visão fragmentaria do homem em relação aos demais, que é bem desenvolvida por Antonio Candido, segundo ele o homem desenvolve o conhecimento de seus semelhantes de maneira “insatisfatória, incompleta [...] imanente à nossa própria experiência” (1970, p.58), não alcançando a integralidade do ser. Esta fragmentação é vista de outra forma quando em relação ao romance, ela é direcionada pelo narrador, os problemas relacionados com a limitação do meio exigem que ocorra uma simplificação, sendo que o processo de identificação com o público se dá pela junção de certos elementos que demonstram os

traços da personagem, criando segundo o autor uma “ilusão do ilimitado” (1970, p.59).

Outra idéia interessante trazida por Candido (1970) diz respeito a alteração que ocorreu no Romance no séc. XVIII onde havia uma história complexa e um personagem simples, e a partir daí a história passou a ser formulada de maneira mais simples enquanto a personagem passou a ser desenvolvida de forma mais complexa. E foi nesse sentido que Forster (1974) desenvolveu sua teoria acerca da dupla classificação da personagem, podendo ser ela plana (simples, bidimensional, melhor representada pelo tipo e pela caricatura) ou redonda, esférica (que se caracterizaria como complexa e possuidora de vários traços). Entendemos ainda que a personagem plana pode ser aquela em que seus modos de agir e pensar são oriundos do meio, bem como aqueles extremamente previsíveis, enquanto que as redondas teriam uma espécie de motor próprio, caracterizar-se-iam como complexas e com grau de imprevisibilidade, uma vez que possibilitariam a ocorrência de alterações de comportamento/pensamento no decorrer da trama.

Constituição do herói problemático no Romance

A ideia do herói problemático se deu como já fora mencionado com o advento do gênero literário “Romance”. Ainda é importante demonstrar suas origens como se constituiu esse herói. Essa observação se torna possível mediante a análise de que com o advento da produção para o mercado acabou por se proporcionar o surgimento do valor de troca que acabou por sobrepor o valor de uso dos objetos. A consequência desse processo, segundo Lucien Goldmann (1976, p. 17), é que:

No plano consciente e manifesto, a vida econômica compõe-se de pessoas orientadas exclusivamente para os valores de troca, valores degradados, aos quais se somam na produção alguns indivíduos – os criadores em todos os domínios – que se conservam orientados, essencialmente, no sentido dos valores de uso e que, por isso mesmo, situam-se à margem da sociedade e convertem-se em indivíduos problemáticos.

Através desta percepção pode-se constatar onde está localizada a gênese da forma romanesca, constituindo-se como uma reação em relação à degradação de valores em

âmbito universal. Assim, compreende-se o fato de que o herói problemático seria uma canalização para o mundo da literatura, de uma situação problemática captada pelo artista que se encontra permeada na sociedade de agora é regida pelo sistema capitalista e que direciona todas as suas forças para a produção e para o consumo.

Isto posto, compreende-se a “busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção [...]”, em um mundo em que as perguntas não encontram respostas ou encontram muitas de naturezas distintas o constante questionamento de sua situação é uma característica muito presente no herói problemático e primeiro sintoma da “ruptura insuperável entre o herói e o mundo” (GOLDMANN, 1976, p. 9). Tal ruptura é verificada primeiramente, segundo Lukács, em “Dom Quixote”, um herói solitário em sua “loucura” (vivendo em um mundo de certezas o idealismo da personagem acaba por se tornar realidade e se comunicando com as ações praticadas, que acabam por serem vistas como inapropriadas diante da realidade social que o cerca), e que se encontra diante de um mundo de valores e ideais contraditórios, gerando o conflito do herói com a sociedade ao seu redor. “Assim o máximo de sentido adquirido pela experiência vivida torna-se o máximo de não-senso: a sublimidade torna-se loucura, monomania” (LUKÁCS, 1933, p.113).

Em relação à Epopéia percebemos uma distinção flagrante em relação ao Romance, enquanto naquela, mesmo havendo diversos núcleos de ação que desenvolvem as atitudes do herói, as várias ações servem tão somente para que o público tome conhecimento da personagem, não tendo função de construção, o herói épico já é um guerreiro pronto que apenas responde ao mundo e reage a ele, repleto de sua certeza e confiança, pronto para agir, assim como a comunidade que ele representa, pois representa um ser superior e que condensa em si as principais características e virtudes valorizadas pelo seu povo, sendo a partir delas que as ações se mostrarão mais “vivas” no decorrer da obra. Já no Romance pode-se observar uma inter-relação maior entre os elementos da narrativa e os desejos e angústias do herói, que acaba por influenciar não somente na construção do herói, como também da própria trama.

A subjetividade do herói problemático será um dos principais pontos do Romance, pois são as ações e elementos que interagem com a protagonista que proporcionarão a ela a

forma como irá buscar a sua liberdade e harmonia com o mundo exterior (é sua busca individual, suas atitudes solitárias e muito representativas, servem mais como um elemento caracterizador da natureza humana do que propriamente de qualquer sociedade), características que já estavam consumadas para o herói da Epopéia.

A figura do “herói” em *Adeus às armas*

Quando se está tratando acerca da figura do herói, ou anti-herói, em uma obra literária não há como se furtar da observação dos elementos e ações que cercam a personagem, no caso protagonista, no decorrer da trama proposta na obra literária. Assim, percebe-se como elemento de suma importância, para o estudo do que se propõe no presente trabalho de conclusão de curso, o personagem, bem como os mecanismos que envolvem sua idealização e “materialização”, de que forma ela é recebida pelo público, como este reage, observando, principalmente, seu grau de identificação com o que ali está representado. Neste sentido, interessante são os estudos de Antonio Candido (1970, p. 54) que vem afirmando que:

[...] o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as ‘idéias’, que representam o seu significado, - e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos.

Nesse sentido, pode-se perceber que ocorre a aproximação ou distanciamento do leitor em relação a uma personagem devido a sua identificação ou simpatia pelas ações e pensamentos desenvolvidas pela mesma. E são esses elementos que auxiliarão na caracterização da personagem protagonista como herói ou anti-herói, uma vez que, principalmente no contexto atual, os valores e princípios humanos encontram-se fragmentados e muito distantes mesmo dentro de uma mesma sociedade, não sendo necessário pegar uma nação do ocidente e uma do oriente, ou uma de formação religiosa

judaico-cristã e uma de formação islâmica para que se observe a distinção e mesmo considerável distanciamento de valores e princípios entre pessoas destas duas formações, atualmente dentro do mesmo seio familiar se pode observar o desenvolvimento de tendências muito distantes, principalmente se ocorrer uma certa diferença de idade, uma vez que devido a rapidez com que a informação e a tecnologia é alterada, proporciona-se uma mudança ou uma grande gama de elementos que podem influenciar na formação ética e moral da pessoa, o que diretamente influenciará na formação de seus valores e conseqüentemente na materialização de seus conceitos de herói e anti-herói.

Em verdade, Frederick Henry mostra-se desde o início da obra de forma egoísta e unilateral. A única coisa que lhe interessa é a realização de seus desejos e objetivos, e para que estes se consolidem a protagonista não medirá esforços e fará tudo que está ao seu alcance.

O primeiro momento em que encontramos Frederick Henry na obra *Adeus às armas* podemos claramente observar o caráter e a disposição inerente ao indivíduo, trata-se de um homem fanfarrão, dado a brincadeiras, mulherengo, um conquistador barato que buscava deixar sua marca por todos os locais que passava (fato que pode bem ser visto quando da conversa que mantém com Rinaldi logo ao regressar, de sua licença, ao front), em suma era um “bon vivant”, que tinha como interesses supremos tirar o máximo proveito possível da vida e das experiências que se apresentassem pelo seu caminho (HEMINGWAY, 2002).

Passa a odiar a guerra e acaba ferido, não satisfeito de estar distante do campo de batalha, sente imensas saudades (desejo/luxúria) de Catherine, e usando de certa influência (conversando com seus amigos mesmo antes da partida para o hospital) garante a ida de sua amada para que pudesse cuidar dele. Como era um hospital novo haviam poucos empregados e menos ainda pacientes, fato que facilitou em muito a vida e a satisfação dos desejos de Frederick. (HEMINGWAY, 2002).

Distante da guerra, com a mulher que “amava” quase que em tempo integral ao seu lado, tendo todas as suas vontades obedecidas, pouco restava à Henry almejar, apenas faltava uma coisa, um bom fornecimento de bebidas alcoólicas, coisa que ele garantiu mantendo uma relação de amizade e companheirismo com o zelador e com a maioria das enfermeiras. Ele fornecia o dinheiro para os empregados do hospital e conseguia que lhe

trouxessem a bebida, restando ao zelador a retirada ocasional dos recipientes vazios. Paz, bebidas e mulher, os ideais de Henry estavam materializados, ao menos até o momento em que a enfermeira chefe descobre as artimanhas da protagonista, que pouco depois recebe uma missiva requerendo sua imediata apresentação no front. (HEMINGWAY, 2002).

Restabelecido em suas funções Henry encontra-se distante de tudo que ama, pouco resta de sentido para ele, e em meio a um ataque frustrado e sofrendo um contra ataque fulminante apenas resta às tropas italianas bater em retirada, o que parece ainda mais lamentável, uma vez que desertar é uma coisa, ser escorraçado é outra, mas de qualquer forma a protagonista inicia sua fuga acompanhado de uma série de companheiros de armas, posteriormente eles se desprendem do resto do batalhão, tendo como único objetivo a sobrevivência. Após conseguirem unirem novamente aos que estão batendo em retirada chegam até às portas de uma cidade, onde todos os oficiais estavam sendo interrogados e executados, como Henry era um tenente acaba sendo pego e se obrigando a fugir para manter sua vida. (HEMINGWAY, 2002).

Após um período de fuga inicia sua busca por Catherine, acaba por descobri-la em uma cidade que tinha um lago que guardava fronteira com a Suíça, após algum tempo de paz, soldados encontram Henry e vão tentar captura-lo (uma vez que depois de sua fuga ele era mais que um desertor), na noite que isso vai ocorrer, a protagonista é avisada por um dos empregados do hotel com quem guardava boas relações e começa sua fuga em busca de um lugar tranqüilo onde pudesse usufruir de seu amor com Catherine, esse lugar era a Suíça, ele pega suas coisas, sua amada e um bote às margens do lago e parte de madrugada. (HEMINGWAY, 2002).

Lá chegando consegue se estabelecer e passar um tempo considerável em paz (alguns meses uma vez que sua amada já estava grávida quando eles lá chegaram e que sua tranqüilidade durou até que ela desce a luz), passou momentos felizes e pacatos, um mundo que poderia ser tido como um paraíso para a protagonista, longe de guerras, e com seus prazeres ao alcance da mão (o que não pudesse ser saciado pela amada, na Suíça, poderia ser garantido com dinheiro, e este nunca foi um problema para Henry). Ocorre que essa paz e estado de felicidade pela qual a protagonista tanto lutou é totalmente destruída quando sua Catherine é levada para o hospital para ter seu filho, ambos morrem e tudo que resta para

Henry (sem objetivo algum aparentemente) é partir sem destino pelo mundo, quebrado. (o quebrado é referência a uma passagem muito interessante existente na obra, não que o mundo estivesse quebrado ou que de alguma outra forma Henry assim se encontrasse). (HEMINGWAY, 2002).

E diante de tudo que fora até aqui exposto podemos observar que Frederick Henry, o protagonista da obra em estudo, na verdade foge do perfil tradicional do herói, bem como, devido à multiplicidade de perspectivas e de posicionamentos em relação a valores e princípios, resta difícil uma caracterização sólida de sua figura, seja relacionando-o com uma representação de herói, seja como um anti-herói. Isto ocorre devido, além da diversidade de princípios e perspectivas, pelas próprias ações e reações manifestadas por Henry, ele não se destaca por sua coragem, que poderia ser fortemente marcada devido ao ambiente opressor e cheio de riscos que existe em um cenário como é o da Primeira Grande Guerra. Além disso, ele não produz uma irritação, nem aos leitores (narratário) nem a qualquer um das demais personagens (talvez um pouco em relação à enfermeira amiga de Catherine, quando vem a descobrir que esta estava grávida, mas não é algo representativo, forte ou duradouro o suficiente para agir de forma marcante na presente análise), seja devido a uma pretensa arrogância ou humildade que se apresentaria no decorrer da trama. Ele não é cínico, não representa a força do macho alfa ou a sensibilidade que se espera de um feminista, sem ações que marquem uma postura mais rígida ou um princípio moral maior, ele é apresentado unicamente como um oficial, que atua como motorista de ambulância e que não acredita (ao menos a princípio) no amor e que aos poucos vai desenvolvendo horror à guerra. Em verdade, com o desenvolver da trama Frederick Henry acaba por detestar a guerra, desenvolvendo mesmo uma ojeriza à mesma, procurando se colocar o mais distante dela. (HEMINGWAY, 2002).

No entanto, levando em consideração que uma análise literária, bem como qualquer outra espécie de análise acaba sendo realizada de maneira subjetiva, cremos que podemos sim nos posicionar em relação a caracterização da protagonista da obra. Em nosso entender, caracterizamos Frederick Henry como um anti-herói, uma vez que ele se mostra desde o início da obra como alguém que apenas se preocupa com interesses próprios, com seu bem estar, ele afasta qualquer espécie de contato íntimo que avance além do sexo, satisfazendo-

se com prostitutas, isto até encontrar Catherine Barkley, que se caracterizaria como seu alento e a única coisa bela que poderia ser encontrada em meio aos horrores da guerra. Era ela também uma alienígena (como Henry) em um campo estranho e perigoso, mas audaciosa, em um mundo em guerra, amava de forma direta e irresponsável, se lançava aos braços de seu amado sem pensar nas variantes possíveis, ela se entregava à paixão não importando as circunstâncias que se apresentavam apenas atender às vontades de Henry era importante.

As angústias da guerra eram esquecidas quando nos braços da amada, o horror das explosões, os soldados e amigos feridos e mortos tornavam-se fatos irrelevantes e mesmo indignos de serem lembrados, quando da fruição do amor. Isto se dava mesmo no momento mais dramático da obra, quando a morte se aproximava de Catherine, "Não me toque", murmurou Catherine para Henry "Pobre querido. Toque-me o quanto quiser", completou ela com um sorriso (HEMINGWAY, 2002, p.350). Este foi o adeus de sua amada, em relação ao filho, bastou que ele nascesse morto, sem mensagens diretas ou sentimentos. O fim da relação e das vidas se dá de forma mórbida, densa e fria, sem os dramalhões ou fortes e diretas mensagens que as obras literárias costumam proporcionar e que atualmente acabaram por se tornarem chavões. E isto é percebido mesmo pela protagonista que ao se retirar do hospital deixando seus sonhos e alegrias para traz refletia: "Era como se eu estivesse me despedindo de uma estátua"(HEMINGWAY, 2002, p.352).

Considerando mesmo os valores e princípios estabelecidos na sociedade ocidental judaico-cristã, então torna-se possível vislumbrar de uma forma geral que os valores centrais de tal sociedade são família, companheirismo, amor fraterno e caridade, não são características próprias da protagonista. Observa-se na obra em estudo que Frederick Henry não detém tais valores e também não se percebe uma evolução, um desenvolvimento mental, psicológico ou de personalidade, a protagonista não se torna mais íntegra, justa ou se adéqua à sociedade em que vive. Ele permanece atuando e pensando tão somente em si mesmo. Atuando de forma egoística, muito mais ligada aos princípios postos pelo atual sistema econômico (capitalista) do que propriamente voltado aos moldes morais existentes no seio social. Tais fatos vêm a corroborar a idéia de que, efetivamente, é possível que se caracterize a personagem protagonista, Frederick Henry, como anti-herói.

Considerações finais

Em princípio é interessante que se reitere a informação de que Frederick Henry caracteriza-se como narrador protagonista da história e que pode ele ser classificado como um anti-herói, uma vez que não narra ter feito nada particularmente heróico ou apoteótico, de forma geral não se percebe ações altruístas. No meio de suas aventuras durante a guerra acabou perdendo suas ambulâncias, e homens que com ele estavam pelo caminho, brincou com os sentimentos de Catherine logo no início da obra, tratando-a como outra mulher qualquer que seria apenas mais uma conquista, mesmo se apaixonando muito rapidamente, a princípio não tinha intenções dignas ou honradas para com Catherine. Outro ponto que se deve observar diz respeito a morte dela e do filho que estava esperando, que embora a culpa de das mortes de ambos não tenham sido nem de Henry nem de Catherine, mas sim uma fatalidade, mesmo assim tem-se a consciência de que nada de mal teria ocorrido com ela se a protagonista não a tivesse engravidado.

A protagonista nunca teve objetivos em relação a sua participação na guerra. Alistou-se, pois estava no país e sabia o idioma, e assim teria algo com o que se ocupar, seria também uma boa oportunidade de aquisição de experiência bem como de se aventurar. Hemingway parecia não querer que Frederick Henry fosse um herói. Sendo ele um personagem um tanto biográfico, porém mais velho e muito mais experiente que o autor, talvez este desejo de não o caracterizar como herói diga muito mais do autor do que da própria personagem, e enquanto os grandes homens e personagens ferem-se em batalha atuando de forma brava e destemida, Henry acaba sendo ferido enquanto come um pedaço de queijo, em uma ação simplória e sem qualquer distinção ou glória. Ferimentos de guerra costumam ser vistos como atos heróicos e símbolos de bravura, Hemingway costuma explorar muito o tema em várias de suas obras, mas se a intenção em *Adeus às armas* fosse passar a imagem de um herói talvez o personagem devesse estar em batalha, matando inimigos, ou em alguma outra atividade mais “honrosa.”, do que se resumir a tratar de seus interesses egoísticos e procurar continuamente o prazer físico.

Procurando não adotar uma postura parcial ao extremo, há que se mencionar que

houve sim no desenrolar da trama alguns momentos em que a protagonista Henry demonstra ter coragem e mesmo colocando outras pessoas a sua frente em nível de importância. Um exemplo de um momento destes se dá quando, logo depois de atingido por um morteiro na cabana onde estava se alimentando com companheiros da ambulância, ele diz “há outros muito mais feridos do que eu”, porém, não é algo que seja digno de muita nota, pois isso faz parte de sua personalidade como cidadão e mesmo que muito individualista, tendo ciência de sua vivência em sociedade. Assim, o próprio Frederick Henry não se vê como um herói e nem age como tal. Seus atos de coragem como tenente não possuem intenção de receber algum reconhecimento e nem são dignos de tal. Quando dizem que receberá uma medalha e que já estão negociando uma segunda, acha que não as merece, mesmo porque em momento algum ele realmente atuou de forma a ser recompensado (a não ser pelo que reza as normas militares, que conferem a qualquer soldado ferido em batalha, em qualquer circunstância uma medalha). Assim, percebe-se que os atos que o levaram a merecer tais medalhas foram um acidente, um ferimento ao acaso, e não atitudes previamente pensadas e calculadas pela protagonista. Ele só deu o azar, ou a sorte, de estar no lugar errado e na hora errada.

Quando está no hospital, ganha bebidas e “visitas” noturnas de Catherine (o que acaba por caracterizar mais um desrespeito aos valores postos na sociedade ocidental, por mais que se tenham alterados os valores, à época da escritura da obra ainda era notória a devassidão de manter qualquer espécie de relação sexual enquanto não ocorrer um enlace matrimonial). Ele gosta de estar lá, mas se mantém indeciso sobre suas escolhas. Poderia ficar por mais de seis meses, se quisesse, pois esse era o tempo mínimo para que sua operação fosse realizada. Mas Henry prefere ser logo operado e estar em plena forma para poder desfrutar ao máximo sua estada com Catherine, no entanto isto acabou por lhe obrigar a voltar logo ao front (que era tudo o que ele não queria, apenas se importava com seu bem estar e com o seu prazer, passou a odiar a guerra, e mesmo teme-la, não demonstrando a honra e a coragem esperada de um “guerreiro”). Durante a fase de operação acaba não concordando com o diagnóstico do médico, chama uma segunda opinião, que aceita realizar a operação que possibilita a ele ser liberado muito antes do que afirmava o primeiro médico. Ele poderia ficar ali aproveitando o tempo com Catherine,

afinal não quer voltar ao front, pelo prazer que sentia e pela ojeriza em relação a obrigação da guerra, simplesmente não querer ficar tanto tempo sem poder levantar da cama, no entanto sua decisão e seu prazer efêmero acaba sendo interrompido, acaba sendo obrigado a se afastar de Catherine e voltar para a guerra que tanto despreza.

No entanto, de volta ao front, quer voltar a ter com Catherine, mas já não pode, quer se ver longe do perigo e da tensão, do constante risco a que está submetido no campo de batalha. Após o período que ficou com sua, agora, amada ele mudou de idéia e não acha mais que a relação dos dois seja apenas um “jogo”, está disposto a tudo para continuar sentindo e aproveitando (sentimentos egoísticos, voltados única e tão somente a ele mesmo) os momentos que gozou com a srta. Barkley. Logo após conflitos de opiniões, ao ver um amigo e outros soldados sendo fuzilados em sua frente (após a fuga do front que estava defendendo), vendo que seu fim seria o mesmo, também movido pela saudade de Catherine ele toma a atitude mais anti-heróica que alguém, no contexto da guerra, poderia tomar, simplesmente foge, deserta diante de um tribunal marcial, acaba pulando em um rio e, mais tarde, vestindo as roupas de um civil morto que encontrara nas proximidades, abandonando para sempre o exército e sua falsa imagem de herói.

Após encontrar sua amada e com ela permanecer um período aproveitando das mordomias de uma cidade fronteiriça que não estava ameaçada (distante de tudo e de todos os problemas que cercavam o mundo e o país que estava quase que totalmente voltado e assolado pela guerra). Com Catherine ele entra ilegalmente na Suíça, mente para as autoridades, bebe, e vive uma vida totalmente tranqüila enquanto a Guerra continua acontecendo. A fuga do casal não foi para salvar Catherine, mas sim para salvar a vida da própria protagonista que agora era acusado de desertor e, certamente, seria executado por um tribunal marcial. Era ele quem estava arriscando tudo, que estava disposto a qualquer coisa para sobreviver àquela situação e manter seu relacionamento com sua “amada”.

Apesar de ser um romance sobre a Guerra, a maior parte da narrativa se passa em um hospital. Quando Henry estava internado no início e depois quando Catherine estava em trabalho de parto. Na segunda vez, com as complicações do parto de Catherine, Henry chega a pedir ao médico que se for preciso sacrificar a criança para salvar a mulher, que não hesitasse em fazê-lo. Outra atitude nada heróica. Por fim acaba perdendo os dois e

caminha derrotado pelas ruas.

Diante de tudo isto, cremos ser inviável a caracterização de Frederick Henry como herói, uma vez que ele vai na direção oposta aos valores e princípios existentes na sociedade em que fora produzida a obra, bem como podendo ser estendida para o atual momento por que passa a sociedade, ainda que em constante processo de mudança e de questionamento da tradição. Assim, observando que as principais características da protagonista são: a covardia, a bebedeira, a pouca importância conferida a sentimentos nobres como amor e amizade, o que mais se apresenta em sua personalidade é seu constante egoísmo, o mais importante é atender seus desejos, atingir seus objetivos e manter-se o máximo possível de tempo em um estado prazeroso. Desta forma, não restando alternativa, uma vez que foram adotados determinados princípios e valores como corretos, bem como uma dada perspectiva, que caracterizar a personagem Frederick Henry como um anti-herói.

Referências

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo, Unesp/ Hucitec, 1988.

CANDIDO, Antonio, GOMES, Paulo Emilio Salles, PRADO, Décio de Almeida, ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

FORSTER, E.M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HEMINGWAY, E. **Adeus às armas**. Trad. Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

LUKÁCS, G. **Teoria do romance**. Lisboa: Presença, 1933.

ROBBE-GRILLET, A. **O ciúme**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.